



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

Notas sobre Literatura e Linguagem

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
N899	Notas sobre literatura e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-860-1 DOI 10.22533/at.ed.601192312 1. Linguagem e línguas – Pesquisa – Brasil. 2. Literatura. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de. CDD 401
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura e Linguagem, coletânea de quatorze capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Letras.

As contribuições expostas no presente volume congregam majoritariamente textos que se relacionam nos universos da literatura e da linguagem. Diferentemente do conceito de literatura como arte e ciência, a último capítulo traz revisão da literatura sobre o tema do aprisionamento de familiar. Essa conceituação, revisão de literatura, diz respeito ao buscar, ao identificar contribuições anteriormente formuladas sobre tema específico que será tratado pelo autor.

Feito esse parênteses, apresentamos aos leitores da obra que se segue os principais eixos de discussão que aqui estão trazidos. Inicialmente, contemplando a própria nomenclatura da coletânea, há a exposição de capítulos que tratam de literatura. Sendo assim, temos a priori análise a respeito da crítica literária brasileira. Posteriormente, textos que estabelecem relação de temáticas específicas com obras literárias. Desse modo, termos como africanidade, cronotopo, romance, identidade, gênero, sexualidade, sociedade contemporânea, humanização, erotização, ficção, reportagem, crenças, superstições, epos, nação e concepções pedagógicas encontram espaço nos estudos apresentados.

Partindo para a etapa da linguagem, é possível verificar séries, ensino de língua, entretextos, leitura, enunciação, dialogismo, subjetividade, ortoépia e prosódia como palavras-chave de estudo.

Há ainda a intervenção que aborda a revisão de literatura sobre o tema de aprisionamento de familiar a partir de estudos nacionais e internacionais, como mecanismo de demonstrar a relevância e urgência na discussão do tema.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CAMINHOS PARA PENSAR A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA	
Daynara Lorena Aragão Côrtes	
DOI 10.22533/at.ed.6011923121	
CAPÍTULO 2	13
AFRICANIDADE EM ALDA LARA	
Analice de Lima Aquino	
Raissa Ferreira da Silva	
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.6011923122	
CAPÍTULO 3	21
DIÁRIO DO HOSPÍCIO DE LIMA BARRETO: CRONOTOPO E ROMANCE	
Michele Muliterno	
DOI 10.22533/at.ed.6011923123	
CAPÍTULO 4	32
“TRIUNFO DOS PELOS”: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Juliane Della Mía	
DOI 10.22533/at.ed.6011923124	
CAPÍTULO 5	41
HUMANIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO DO VAMPIRO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Natane Emanuelle Rangel	
Luís Francisco Fianco Dias	
DOI 10.22533/at.ed.6011923125	
CAPÍTULO 6	51
FICÇÃO E REPORTAGEM EM CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA	
Fábio Luis Rockenbach	
Márcia Helena Saldanha Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.6011923126	
CAPÍTULO 7	61
VIVER E ACREDITAR: CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES DO SERTÃO NORDESTINO	
Liliane Viana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6011923127	
CAPÍTULO 8	69
JESUS CRISTO NO EPOS DA NAÇÃO	
Ellen dos Santos Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6011923128	

CAPÍTULO 9	82
LITERATURA E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS: DO CBC (CONTEÚDOS BÁSICOS COMUNS À BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR))	
Simone Maria de Oliveira Coelho e Sales Lucas Leal Teixeira Juliana de Almeida Pereira e Santos Noemi Campos Freitas Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.6011923129	
CAPÍTULO 10	92
SÉRIES E O ENSINO DE LÍNGUAS: PRÁTICAS MULTIDISCIPLINARES	
Fiama Aparecida Vanz Thaís Nicolini de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.60119231210	
CAPÍTULO 11	102
ENTRETEXTOS: A LEITURA RE-SIGNIFICADA	
Edna Tarabori Calobrezi	
DOI 10.22533/at.ed.60119231211	
CAPÍTULO 12	112
ENUNCIÇÃO, DIALOGISMO E SUBJETIVIDADE: A VIDA PULSANDO E AS VOZES EM CONFRONTO NA ARENA DISCURSIVA	
Roberta Costella Gabriela Schmitt Prym Martins	
DOI 10.22533/at.ed.60119231212	
CAPÍTULO 13	124
ORTOÉPIA E PROSÓDIA: UM ESTUDO DESCRITIVO	
Adílio Junior de Souza Maria Lidiane de Sousa Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.60119231213	
CAPÍTULO 14	138
REPERCUSSÕES E ENFRENTAMENTOS DO APRISIONAMENTO DE FAMILIAR: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL	
Maria das Graças de Mendonça Silva Calicchio Reni Barsaglini	
DOI 10.22533/at.ed.60119231214	
SOBRE OS ORGANIZADORES	150
ÍNDICE REMISSIVO	152

DIÁRIO DO HOSPÍCIO DE LIMA BARRETO: CRONOTOPO E ROMANCE

Michele Muliterno

Doutoranda em Letras pela Universidade de
Passo Fundo, RS

RESUMO: O Diário do hospício foi escrito por Afonso Henriques de Lima Barreto entre os meses de dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, tempo em que esteve internado no Hospício Nacional de Alienados, em Praia Grande, no Rio de Janeiro, devido a problemas com alcoolismo. O registro íntimo, a princípio, servia como um diário, onde o autor escrevia suas impressões sobre o local e as pessoas que o circulavam, mas, aos poucos, começou a servir como base para *Cemitério dos vivos*, romance inacabado que o autor viria a escrever após seu período de internação, tendo como inspiração suas desventuras em manicômios. A medida em que o diário deixa de ser diário e passa a se tornar o texto que serviria como base para o livro que estava por vir, suas características começam a mudar. Mais do que o fato de ter originado *Cemitério dos vivos*, é possível encontrar características do romance no próprio Diário do hospício, ao investigar os elementos que possam comprovar que a obra pertence a tal gênero, tais como a relação entre autor versus personagens e as noções de cronotopo abordadas pelo teórico russo Mikhail Bakhtin. O exame desses elementos

comprova a romancização do diário, mediante à modificação do texto, que vai, aos poucos, perdendo características de diário e adquirindo as características do gênero romance.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto. Diário do Hospício. Cronotopo. Romance. Registros.

LIMA BARRETO'S ASYLUM'S JOURNAL: CHRONOTOPE AND ROMANCE

ABSTRACT: Asylum's journal was written by Afonso Henriques de Lima Barreto between the months of December 1919 and February 1920, when he was hospitalized at the Hospício Nacional de Alienados, in Praia Grande, Rio de Janeiro, due to problems with alcoholism. The intimate record at first served as a personal journal, where the author wrote his impressions of the place and the people who circulated him, but gradually began to serve as the basis for *Cemetery for living*, an unfinished novel that the author would come to write after his period of hospitalization, inspired by his misadventures in asylums. As the journal ceases to be a journal and becomes the text that would serve as the basis for the book to come, its characteristics begin to change. More than the fact that it originated *Cemitério dos vivos*, it is possible to find elements of the romance in Asylum's journal, by investigating elements that can prove that the work belongs to this genre, such as the

relationship between author versus characters and notions of chronotope approached by the Russian theorist Mikhail Bakhtin. The examination of these elements proves the romancization of the journal, by changes in the text, which gradually loses journal characteristics and acquires the characteristics of the romance genre.

KEYWORDS: Lima Barreto. Asylum's journal. Chronotope. Romance. Records.

1 | INTRODUÇÃO

Após a leitura de *Diário do hospício*, de Lima Barreto (2010), fica-se com a sensação de que a obra se trata, na verdade, de um romance, e não de um simples diário, como a maioria das resenhas a define. O “diário” em questão foi escrito entre os meses de dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, durante o período em que o autor encontrava-se encarcerado no hospício da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, e, baseado nele, Lima Barreto escreveu o romance inacabado *Cemitério dos vivos* (2010).

Talvez a intenção, a princípio, tenha sido mesmo de fazer um diário, visto que Lima Barreto sempre manteve o hábito de escrever diários, fato conhecido, pois esses registros foram publicados em 1953 como *Diário íntimo*. Ao que tudo indica, a ideia de criar um romance baseado em suas experiências pessoais, enquanto paciente do Hospício Nacional de Alienados, levou o autor a romancear o próprio relato tendo, assim, material para o *Cemitério dos vivos*, que sairia mais tarde. Dessa forma, o próprio *Diário do hospício* possui características de um romance.

Na tentativa de comprovar esse ponto de vista, busca-se embasamento teórico nas ideias do filósofo russo Mikhail Bahktin (1895-1975) desenvolvidas em *Questões de literatura e estética* (1988) e *Estética da criação verbal* (2003), com destaque para as noções de cronotopo e para a relação entre autor e personagem no romance. Com a análise de *Diário do hospício* e a comparação com *Cemitério dos vivos*, procura-se refletir sobre a relação entre autor e personagem em ambos os textos. A seguir, estabelece-se a análise dos cronotopos que aparecem no *Diário* e, na sequência, da crônica híbrida de relato pessoal e ficcional que aparece na obra, o que torna possível considerar a obra um romance, e não um simples diário.

2 | LIMA BARRETO

Quando a Lei Áurea, que declarava abolida a escravatura, foi assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, houve eufórico clima de confraternização social no Brasil. No entanto, com o golpe militar que resultou na proclamação da República no ano seguinte, o sentimento passou a ser de insegurança durante o período de legalização do regime. O Congresso foi fechado, medidas ditatoriais foram postas em prática, as minorias oligárquicas dos Estados e os segmentos militares autoritários começaram a ganhar força. O governo passou a adotar política de intervenção nos

Estados, mergulhando o país em um ciclo de rebeliões (PRADO, 1980). Foi neste contexto que cresceu Afonso Henriques de Lima Barreto, nascido em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro, filho de um tipógrafo e de uma professora primária, descendentes de escravos. Sua mãe morreu quando contava com apenas seis anos de idade. Seu pai perdeu o emprego de tipógrafo com a proclamação da República, por ser protegido do monarquista Visconde de Ouro Preto, que, como padrinho de Lima Barreto, patrocinou seus estudos na Escola Politécnica. O pai do escritor sofria de problemas mentais e foi recolhido à Colônia de Alienados da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, e Lima Barreto largou os estudos para sustentar a família.

Lima Barreto passou a ter seu sustento como amanuense na Secretaria da Guerra e colaborando com a imprensa local. Encontrou dificuldades em publicar sua obra e nunca obteve grande reconhecimento em vida. Como ele próprio era vítima de injustiças e preconceitos, abordou em sua obra as grandes injustiças sociais e criticava o regime político da República Velha. Sofria constantes crises de depressão e acabou entregando-se ao alcoolismo, o que o levou a ser internado duas vezes no Hospício Nacional de Alienados, em 1914 e 1919. Candidatou-se duas vezes à Academia Brasileira de Letras (ABL), não obtendo a vaga pelo fato de a ABL não aprovar sua forma, considerada popular, de escrever. Faleceu aos 41 anos, em 1º de novembro de 1922.

3 | DIÁRIO DO HOSPÍCIO E CEMITÉRIO DOS VIVOS

Durante o período em que passou internado pela segunda vez no Hospício Nacional de Alienados, em Praia Vermelha, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, Lima Barreto escreveu o chamado *Diário* do hospício, composto, no início, em uma série de 79 tiras de papel, escritas a lápis e, mais tarde, em folhas maiores, escritas a caneta, nas quais registrava suas impressões durante seu período de confinamento. Hoje, esse manuscrito encontra-se na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Coleção Lima Barreto. Foi desse registro que surgiu *O cemitério dos vivos*, romance inacabado, que relata a história de Vicente Mascarenhas, escritor fracassado que fica viúvo e acaba internado em um hospício, inspirado na casa de saúde em que o autor fora internado devido ao mesmo problema: o alcoolismo.

O *Diário* é um texto razoavelmente curto, composto por nove capítulos numerados, em que o autor descreve a rotina do hospital, sua organização, escreve sobre os médicos, enfermeiros, doentes, pavilhões e sobre a biblioteca, além de fazer reflexões de cunho pessoal sobre a vida, sua carreira, sobre a loucura. Existe também um décimo capítulo, não numerado por Lima Barreto, cuja estrutura é diferente dos demais, pois é formado por entradas curtas, como anotações, também tratando de diversos assuntos. Aos poucos, o diário vai mudando de forma, romancizando-se, tornando-se o romance inacabado que Lima Barreto criou enquanto estava internado, *Cemitério dos vivos*, sobre o qual Alfredo Bosi diz:

[...] coligida postumamente, apresenta-se dividida em duas partes: a primeira contém o diário do escritor relativo à sua estada no casarão da Praia Vermelha (do Natal de 1919 a 2 de fevereiro de 1920); a segunda, que é propriamente o romance, constitui-se do esboço de uma tragédia doméstica cujos fragmentos alternam com as memórias da vida no hospício. Nessas páginas, que elaboram maduramente o conteúdo das primitivas notas, o escritor tentou configurar um pensamento discursivo cujo foco é o próprio mistério da vida humana lançada às mais degradantes condições da miséria, da humilhação e da loucura (2006, p. 322).

O texto do *Diário* apresenta-se em forma de registro íntimo somente nos dois primeiros capítulos e em algumas anotações do décimo capítulo, no qual podem ser encontradas as datas em que o autor as escreveu, o que por si só já contradiz a noção de Blanchot (2005) sobre um diário íntimo, quando afirma que esse tipo de registro deve seguir uma única cláusula: o respeito ao calendário. As páginas seguintes ali apresentadas constituem-se em uma narrativa de fatos do cotidiano e das observações do autor, tal qual a crônica se caracterizaria, o que leva Rocha (2008) a afirmar que o *Diário* teria um caráter híbrido, entre a crônica e a elaboração ficcional autobiográfica. Mais do que isso, o *Diário* confunde realidade e ficção, como observa Bosi:

O leitor se surpreenderá ao constatar que, no exato momento em que o depoente entra e escavar o passado e aprofundar sua 'angústia de viver', o texto confessional cede a um lance de ficção. O testemunho que, até então, parecia pura transcrição dos apontamentos de um internado, converte-se em matéria romanesca de uma novela inacabada cujo título será igualmente O cemitério dos vivos (2010, p. 20).

As semelhanças entre o relato pessoal encontrado no diário e o romance publicado posteriormente são enormes. Tem-se a impressão que Lima Barreto começou a transformar o diário em romance, já visando ao livro que seria escrito mais tarde. Há momentos em que o autor chega a confundir sua pessoa com a da personagem, trocando-lhe o nome. Em outros, descreve fatos da vida da personagem como se ele, o autor, os tivesse vivido.

4 | RELAÇÃO AUTOR X PERSONAGEM

Existem três fortes indícios de que o autor, no decorrer de sua narrativa, se confunde com o protagonista de *Cemitério dos vivos*, registrados no próprio *Diário do hospício*. O primeiro é quando o autor refere-se a si mesmo com um dos possíveis nomes pensados para a personagem, Tito Flamínio, conforme se pode observar no trecho a seguir:

Mas na Seção Pinel, aconteceu-me coisa mais manifesta da estupidez do guarda e da sua crença de que era meu feitor e senhor. Era este um rapazola de vinte e tantos anos, brasileiro, de cabeleira solta, com um ar de violeiro e modinheiro. Estava deitado no dormitório que me tinham marcado e ele chegou à porta e perguntou:

- Quem é aí Tito Flamínio?
- Sou eu, apressei-me (BARRETO, 2010, p. 81).

É possível encontrar a mesma cena em *Cemitério dos vivos*, na qual o narrador nomeia a personagem, desta vez, como Vicente Mascarenhas:

Outro guarda com quem impliquei, foi na Seção Pinel. O chefe dos enfermeiros tinha determinado que eu passasse do dormitório geral em que estava, para um quarto separado, como já contei. Estava eu sentado à borda da cama, quando apareceu na porta um guarda e gritou:

- Quem é Vicente Mascarenhas, aí?
- Sou eu, respondi (BARRETO, 2010, p. 235).

Outra passagem que também evidencia essa fusão entre realidade e ficção é quando Lima Barreto menciona no *Diário* sentir falta de sua falecida esposa. Entretanto, o escritor nunca se casara, sequer algum relacionamento amoroso foi apontado em toda sua biografia:

Não amei nunca, nem mesmo minha mulher que é morta e pela qual não tenho amor, mas remorso de não tê-la compreendido, mais devido à oclusão muda do meu orgulho intelectual; e tê-la-ia amado certamente, se tão estúpido sentimento não tivesse feito passar por mim a única alma e pessoa que me podiam inspirar tão grave pensamento.

Li-a e não a compreendi...

Ah! meu Deus! (BARRETO, 2010, p. 84).

O protagonista de *Cemitério dos vivos*, no âmbito ficcional, realmente vive à sombra da esposa falecida, a quem não dera o devido valor em vida e, postumamente, sente remorso por isso e sente sua falta:

Não tinha por minha mulher grandes extremos de sentimento; dominava em mim, porém, a imagem das minhas responsabilidades de marido, e as cumpri como um dever sagrado. Estimava-a, prezava-a, mais como um companheiro, como um amigo, do que mesmo objeto de uma profunda solicitação da minha total natureza. Reprimia mesmo o mínimo movimento nesse sentido, porque sempre tive vexame, pudor de amar (BARRETO, 2010, p. 190).

O terceiro registro no *Diário* menciona uma mãe que delira, um filho que futuramente virá a delirar e a falta que sente de sua mulher falecida. Como já mencionado, nunca houve esposa, tampouco filho. E o autor tinha seis anos de idade quando perdeu a mãe:

Aborrece-me este Hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade. Não tenho meus livros à mão; entretanto, minha casa, o delírio de minha mãe... Oh! Meu Deus! Tanto faz, lá ou aqui... Saírei desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa. Meu filho ainda não delira; mas a toda hora espero que tenha o primeiro ataque...

Minha mulher faz-me falta, e nestas horas eu tenho remorsos como se a tivesse feito morrer. Logo, porém, como vem de mim mesmo ou de fora de mim uma voz que me diz: é mentira (BARRETO, 2010, p. 94).

Já protagonista de *Cemitério dos vivos* tem uma sogra que sofre de delírios, um filho com problemas de aprendizagem e uma esposa falecida, como comprova o fragmento a seguir:

Voltava-me para trás da minha vida e lá via minha sogra louca, às vezes, delirando; às vezes, calada, a olhar tudo com um olhar intraduzível e sobretudo meu filho, seu neto, que passava dos dez anos e não sabia absolutamente nada. Não havia ameaça, não havia afago, não havia promessa que o fizesse dar um pouco de atenção à cartilha. Eu não sabia o que fazer. [...] No Hospício, porém, estas duas lembranças dolorosas não me abatiam tanto quanto em casa ou solto em qualquer parte (BARRETO, 2010, p. 209).

Observando-se as semelhanças entre os textos das duas obras, é possível afirmar que *Cemitério dos vivos* foi baseado nas experiências pessoais do autor enquanto esteve internado e que o protagonista do romance foi inspirado nessas experiências. No entanto, é preciso ter em mente que mesmo em uma biografia a representação do autor-pessoa será construída de forma artística, revelando o autor-personagem (BAHKTIN, 2003, p 139). Mesmo existindo semelhança entre fatos da vida do autor e do personagem, *O cemitério dos vivos* é uma obra de ficção, e não uma autobiografia, enquanto que *Diário do hospício* parece já ter sido criado visando à obra de ficção que se seguiria, mesclando assim o que é memória e o que é ficção.

Segundo Bakhtin, existe uma relação “arquiteticamente estável e dinamicamente viva” entre autor e personagem e essa relação baseia-se em “seu fundamento geral e de princípio assim como em peculiaridades individuais” (2003, p. 10). Tendo isso em mente, é possível afirmar que, apesar de a personagem ser inspirada no autor, ela não é o autor, e sim sua representação ficcional. Existem histórias, razões e motivações diferentes, ainda que autor e personagem vivam situações similares, por motivos parecidos, no mesmo ambiente. São perceptíveis os fatos que o autor não viveu, mas que foram vivenciados na obra por meio da personagem, como é o caso da relação com uma esposa e um filho.

Bakhtin (2003) ainda salienta que não é impossível comparar de modo cientificamente produtivo as biografias do autor e da personagem, assim como suas visões de mundo. O que não deve ser feito é a comparação sem nenhum princípio, que confunda o autor-criador, que é elemento da obra, com o autor-pessoa, que é elemento do acontecimento ético e social da vida, pois esse tipo de comparação levaria à incompreensão e/ou à deformação do princípio criador da relação do autor com a personagem. Ao observar o autor-criador de *Diário do hospício*, é possível concluir que se trata de uma representação artística tanto do autor-pessoa, Lima Barreto, como do protagonista de *Cemitério dos vivos*, Tito Flamínio.

5 | CRONOTOPO

Existem ainda passagens do *Diário* em que é possível identificar outros elementos do romance, como algumas formas de cronotopo. Por cronotopo entende-se “a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto”, em que o tempo e o espaço se interligam no enredo e na história, fazendo o espaço se revestir de sentido e o tempo transparecer no espaço (BAKHTIN, 1990, p. 211).

No *Diário*, o tempo se entrecruza com o espaço. O próprio hospício pode ser considerado um cronotopo, no qual o autor vive situações no momento presente, relembra o passado e imagina o que possa vir a ser no futuro. O autor-pessoa, que já havia estado internado no hospício anos antes, faz com que o autor-personagem cruze informações sobre fatos com suas impressões do local no momento presente e de anos antes. Isso faz com que o espaço se condense com o tempo, dando a impressão de que passado e presente acontecem simultaneamente, como se constata na cena:

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria (BARRETO, 2010, p. 43-44).

Em seguida, tem-se a passagem em que o autor-personagem não apenas revive sua primeira experiência no hospício como também retoma, por meio da imaginação, a experiência de Dostoievski, quando o autor russo esteve internado em um manicômio na Sibéria, relatada em *Memórias da casa dos mortos*. Pode-se dizer que existe um encontro de ambas as experiências, aquela vivida pelo autor-pessoa e a outra, literária, não vivenciada por ele, como se pode perceber a seguir:

Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, e as portas abertas, eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na Casa dos mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que peço dela (BARRETO, 2010, p. 45-46).

O trecho a seguir também demonstra esse encontro do passado com o presente, quando o autor-personagem muda da seção *Pinel*, a dos indigentes, para a *Camell*, mais condizente com seu poder aquisitivo, e reconhece as mudanças ocorridas durante

o período em que estivera fora:

Logo ao entrar na seção, no meado do dia da segunda-feira, notei que a biblioteca tinha mudado de lugar. Mudei a roupa, pois meu irmão me apareceu com outra de casa. Esperei o Dias, que me marcasse o dormitório, e sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! (BARRETO, 2010, p. 56).

E há ainda, no décimo capítulo, aquele composto por anotações, três registros nos quais o autor-personagem depara-se com uma situação em que encontra o que poderia ser ele mesmo em um outro tempo, no mesmo lugar. O sentido é figurado, visto que não foi o próprio autor-pessoa a desempenhar tal papel, mas outra pessoa. No entanto, existe a constatação e o medo causado por esse reconhecimento de si mesmo na atitude do outro. O autor-personagem se vê nas atitudes daquele interno alcoolizado, de certa forma, prevendo algo que ele mesmo poderia vir a fazer, cruzando presente e futuro em sua imaginação.

Os registros, exceto pelo primeiro, são uma sequência, formando três entradas diferentes sobre o mesmo assunto. Esse é um dos raros casos em que a data aparece:

Dia 20-1-20

Hoje, o D.E. ..., sobrinho de um funcionário daqui, embriagou-se e, no furor alcoólico, conseguiu subir até o telhado de uma dependência do Hospício e, de lá, prorrompendo nos maiores impropérios, pôs-se nu em pelo, enquanto bebia aguardente. Na hora do café, lá estavam os caibras ou coisa parecida. Alguns tem um ar bom e modesto; mas outros tem a morgue de estudantes. Eu já tive (BARRETO, 2010, p. 120). [...]

D. Estrada. Veio o corpo de bombeiros, com uma escada, para tirá-lo de cima do telhado. Ele partiu as telhas e pôs-se a atirá-las em cima do povo que assistia o espetáculo do lado da rua. Não parece intimidado. Está seminu e, apesar de saber perfeitamente que está tomado de loucura alcoólica, de pé, na cumeeira do pavilhão, destinado à rouparia, como que vi, naquele desgraçado, a imagem da revolta (BARRETO, 2010, p. 121). [...]

Esse acontecimento causa-me apreensões e terror. A natureza deles. Espelho (BARRETO, 2010, p. 121).

Levando em consideração as semelhanças já mencionadas e outros fatos que serão aqui discutidos, é possível questionar se, antes mesmo de *Cemitério dos vivos* ser escrito, *Diário do hospício* já era um romance. Os indícios mostram que o romance inacabado viria a concretizar-se por intermédio do texto híbrido de crônica com narrativa ficcional/autobiográfica, tratada como diário e que, na verdade, pertence ao gênero romance.

Esse tipo de hibridização pode ser explicado pelo fato de o romance, como gênero, não ser constituído e acabado. Ele ainda está em processo de evolução, por ser um gênero mais recente, que nasceu e passou a se desenvolver durante a Era Moderna, enquanto outros gêneros, já constituídos e acabados, chegaram até ela como legado. O romance modifica-se e recria-se, influenciando os demais gêneros a fazer o mesmo. Além disso, ele se autoparodia, criando subgêneros (BAKHTIN, 1990,

p. 400).

Os gêneros tornaram-se mais livres e soltos, com linguagem renovada devido ao plurilinguismo extraliterário. E é esse aspecto que pode ser considerado em *Diário do hospício*: definido como diário, mas renovando a ideia de diário ao criar um misto de crônica com narrativa autobiográfica/ficcional, estabelecendo um diálogo entre esses dois gêneros. Assim, mais uma vez, o romance se renova, se recria, assimilando a forma de diário pessoal.

Mikhail Bakhtin diz que um dos problemas mais fundamentais no romance é “a denúncia de toda espécie de convencionalismo pernicioso, falso, nas relações humanas” (1990). Lima Barreto sempre denunciou a injustiça social ao longo de sua obra e em algumas passagens de *Diário do Hospício*, isso não poderia ser diferente. O trecho a seguir, por exemplo, denuncia como era a seção de indigentes no hospício, ou seja, a seção Pinel:

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até o Hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável.

O mobiliário, o vestuários das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social (BARRETO, 2010, p. 48).

Outro exemplo é a passagem em que o autor critica padres que vêm saindo do refeitório do hospício, sintetizando sua opinião sobre a Igreja da época:

Houve festa na capela e ao sair do café (à uma hora) cruzei-me com os padres. Que lorpas! E a Constituição! Padres como esses não fariam mal se não fossem eles a guarda avançada do Estado maior jesuítico que nos pretende oprimir, favorecendo os ricos e pavoneando os seus preconceitos (BARRETO, 2010, p. 121).

Para concluir, apresenta-se um exemplo em que é possível sentir a ironia nas palavras do autor ao reproduzir uma conversa de cunho racista que escutara:

O F.P. atirou fora os abacates que lhe deram porque os temperaram com açúcar de terceira. Ele é branco de primeira ordem e não negro, nem mulato, para usar tal açúcar (BARRETO, 2010, p. 134).

O autor observa o espaço ao seu redor e faz a denúncia das mazelas que vê. Mesmo dentro de um espaço mais restrito como aquele em que se encontrava, conseguia observar as injustiças e se incomodar com elas, demonstrando um viés ideológico que flui melhor na estrutura de romance.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima Barreto escreveu *Diário do hospício* durante o período em que esteve internado no hospício da Praia Vermelha, devido ao seu problema com alcoolismo. O *Diário*, provavelmente, era um passatempo para as longas horas passadas no cárcere, alguém com quem conversar, função primordial de um diário íntimo. A medida em que o tempo foi passando, o autor começou a registrar fatos sobre a vida da personagem que estava criando para seu romance como se fossem vivências suas, fazendo com que o texto que aparece no diário começasse a mudar e, aos poucos, acabasse por se tornar o texto que seria usado para, mais tarde, escrever o romance *Cemitério dos vivos*.

Elementos próprios do romance, como a relação entre autor-pessoa e autor-personagem, que foram analisadas comparando *Diário do hospício* e *Cemitério dos vivos*, e o cronotopo do hospício, que é uma constante na obra, se apresentam no *Diário*, corroborando a tese de que o registro pode ser considerado um romance, ao assumir esses elementos, mesmo que mascarados dentro da formação tipológica do diário.

O romance, como gênero, não dispõe de uma posição fixa, está em constante transformação. Ele se recria, se autoparodia e se modifica. No caso da obra aqui abordada, o romance se traveste em diário, assumindo características que são próprias do gênero. Aos poucos, ele transmuta sua forma e os conteúdos iniciais, de maneira que deixa de cumprir a função à qual se propunha primordialmente e assume outra função, com outras características, passando de diário íntimo a romance.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.

BARRETO, Lima. *Diário do hospício e Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Cemitério dos vivos: testemunho e ficção*. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

ROCHA, Fátima. *Cemitério dos vivos, de Lima Barreto: entre o documento bibliográfico e a elaboração ficcional*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. Anais on-line... São Paulo: Abralic, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/FATIMA_ROCHA.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

SANTIAGO, Silviano. **Uma ferroada no peito do pé: dupla leitura de Triste fim de Policarpo Quaresma**. In: _____. Vale quanto pesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SILVA, Tiago Nascimento. **O cemitério dos vivos e a distinção entre autor e personagem no campo estético**. Miguilim: revista eletrônica do netlli, Urca, v. 2, n. 1, p.108-119, abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/432>>. Acesso em: 2 maio 2017.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos: Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista ad hoc de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos: Mestra em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Licenciada em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2018). Bacharela em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2016). É Professora de Literatura no Ensino Fundamental do Colégio Externato Santa Dorotéia, João Pessoa. Advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direitos humanos, direitos sociais, direitos das minorias), Literatura (literatura e sociedade, literatura e cultura, literatura e história, estudos pós-coloniais, guerra de independência, literatura portuguesa, literaturas africanas de língua portuguesa), Linguística (ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Vinculada a grupo de pesquisa devidamente cadastrado no Diretório de Grupos de

Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Orcid: orcid.org/0000-0003-1179-999X. E-mail: <thamiresvasconcelos.adv@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Africanidade 13, 14, 15

Alda Lara 13, 14, 15, 17, 19, 20

B

Base Nacional Comum Curricular 82, 86, 87, 88, 91

C

Concepções Pedagógicas 82, 89

Crenças 61, 62, 63, 68

Crítica Literária 1, 2, 3, 7, 11, 12

Cronotopo 21, 22, 27, 30

D

Dialogismo 11, 112, 113, 114, 120, 122, 123

E

Ensino de Línguas 92, 93

Entretextos 102

Enunciação 72, 112, 114, 115, 116, 123

Epos 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79

Erotização 41, 46, 48

F

Ficção 12, 24, 25, 26, 30, 39, 48, 51, 52, 53, 55, 59

G

Gênero 5, 9, 17, 21, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 53, 55, 56, 71, 97, 100, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 147

H

Humanização 41, 49

I

Identidade 11, 12, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 70, 73, 75, 76, 101, 143, 148, 150

L

Lima Barreto 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30

Linguagem 2, 7, 9, 13, 17, 21, 29, 32, 41, 51, 53, 61, 62, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 82, 84, 86, 90, 92, 94, 97, 98, 102, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 136, 137, 138, 150

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 21, 22, 27, 30, 32, 34, 37, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 60, 61, 62, 68, 69, 71, 72, 79, 80, 82, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 97, 102, 103, 106, 107, 108, 110, 112, 124, 137, 138, 139, 140, 141, 150

N

Nação 13, 17, 69, 72, 73, 77, 78, 79

O

Ortoépia 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136

P

Prosódia 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136

R

Reportagem 51, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 60

Revisão de Literatura 138

Romance 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 46, 48, 51, 54, 59, 68, 85

S

Séries 49, 92, 95, 97, 99, 100, 104

Sertão 61, 62, 65, 67, 68

Sexualidade 5, 8, 9, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 48

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 14, 15, 17, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 79, 85, 86, 87, 88, 94, 97, 98, 100, 103, 106, 110, 112, 116, 118, 121, 122, 142, 143, 147, 148, 150

Subjetividade 4, 39, 112, 120, 142, 147

Superstições 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68

V

Vampiro 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

